

①

ALREM 0320012-50(03)

T0785

RET

CLi 0340

SIST. 59380

Correio do Povo

Fapergs - 23/02/1950 - pg. 07

MEIO DE SEMANA (Especial para o Correio do Povo)

Leio na versão italiana de um livro de autor ianqui sôbre filmes, afirmativas alarmantes. Esse Sr. Seton Margrave que discorre sôbre arte de escrever para o cinema, exclui qualquer possibilidade de manifestação nova e de tentativa experimental no terreno do filme. Segundo ele, antes de mais nada, deve-se auscultar o gosto do público, e depois escrever o argumento de acôrdo com o gosto público; e mais tarde o diretor fará a filmagem obedecendo ao gosto do público. E os têmeas nunca devem ser morbidos nem tristes.

Deve haver um herói na ventura, de vida fácil e gradavel e uma novela de amor quando filmada, sempre deve terminar bem dentro da legalidade e da normalidade, sem nenhuma passagem escabrosa. A vida em rosa e azul, do cinema americano, é afinal isso que o autor expõe no seu tratado de como se deve escrever para o cinema.

Ninguém pode negar o direito de olhar a vida atravez das lentes do otimismo mais desbragado, a quem quer que seja. O que se pode fazer é opor ao ponto de vista ingenuo, a arte enriquecida pelos elementos vivos da realidade. Imagine-se o que seria por exemplo ***ROMA CIDADE ABERTA** realizada sob o criterio desse otimismo de bons

(2)

REY
CLI 0340
SIST. 59389

moços. E os filmes de Cavalcanti subordinados ao espírito amável desses homens de negócios...

Na história já longa das realizações cinematográficas, como na literaria, que são afinal coisas do mesmo clima, só esse pouco de loucura que às vezes nos assusta e acaba sempre por nos empolgar, só esse pouco de loucura consegue viver e permanecer, marcando um ponto alto no desenrolar de tantas tentativas, de milhares e milhares de tentativas que são, como obra de arte, os filmes e as novelas, a ficção impressa em texto ou na luz dos volumes e dos movimentos da vida. Naturalmente isso não impede que haja no mundo o formidável prestígio do meio termo, da mediania, da criação que cêe no agrado geral, mas esse mesmo público para o qual já ha uma receita de fazer filme como a desse americano saudavel, esse mesmo público, quando se encontra com a verdadeira obra de arte, mostra que possui sensibilidade capaz de absorver a substancia meio louca, meio anormal, meio aspera e às vezes de refinamento difícil, de obras para cuja construção ninguém andou indagando do gosto da maioria. O sucesso de **Hamlet***, totalmente inesperado entre nós, dá bem uma idéia do nível de compreensão do público diante das realizações vendidas da arte.

Afinal mesmo nos Estados Unidos, um filme com **Roma Cidade Aberta***, um teatro como o de Sartre, tiveram tanta repercussão e demoraram tanto no cartaz, que parecem bem um desmentido às teorias de muitos industriais de Hollywood. Mas

(3)

REY CLI 039
SIST. 5938

este assunto, aqui, vem deslocado como um recurso de ultima
hora. Isto é dali da seara do Gastal.